

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, Porto: Fund. Eng. Antonio de Almeida, v. 1, 1998.

O lançamento de *Veredas*, veículo da *Associação Internacional de Lusitanistas*, que congrega membros de trinta e cinco países nos quais a língua portuguesa e suas manifestações são disseminadas, evidencia a importância de Machado de Assis nesse contexto linguístico-estético-cultural e, por que não dizer, político. A revista reúne vinte e dois artigos, cujo eixo comum é a literatura, sendo seus autores provenientes de sete países. Sob temas os mais diversos, identificam-se aí concepções e perspectivas analíticas, bem como a opção por autores, expondo-se uma espécie de síntese das áreas de interesse de estudiosos que se agregam em torno de uma língua comum, embora ela expresse diferentes culturas e seja veiculada em espaços onde outras são as línguas oficiais. Entre os ensaios, dezessete dedicam-se ao estudo crítico de obras, detendo-se em autores consagrados pelo canône literário, como Gil Vicente, Camões, Eça de Queirós, José Saramago, Júlio Diniz, Florbela Espanca, Vitorino Nemésio, Elder Macedo, Mia Couto, José Cardoso Pires, Lygia Fagundes Telles; cinco tratam de questões teórico-críticas como a convergência entre o conto popular e o discurso mítico, a importância das variantes na versão definitiva de obras, as formas de representação do universo feminino, o surgimento e progressão de temas ou motivos literários, o levantamento de idéias apresentadas por Alfredo Bosi em *Dialética da colonização* e uma visão geral da literatura luso-americana. Nesse quadro, ainda que reduzido, salienta-se a tendência ao estudo de autores e obras e a expressividade do nome de Machado de Assis, único escritor a ser distinguido com dois ensaios. O dado nu-

mérico torna-se mais significativo quando se verifica que, no congresso da mesma associação, realizado em agosto de 1999, entre os quatrocentos e trinta e cinco trabalhos inscritos, trinta e quatro visavam à produção machadiana, tendo sido ela indicada como um dos temas do evento. Esse *revival* de Machado confirma sua importância no âmbito da literatura ocidental, justificando, igualmente, a síntese dos dois artigos a ele dedicados em *Veredas* e que, por sua vez, indicam vetores de crítica machadiana.

Em *Memórias póstumas de Brás Cubas: diálogos com a tradição literária* (p. 179-194), Regina Zilberman, a partir do tema da viagem, analisa o posicionamento de Machado de Assis diante do problema da representação da nacionalidade. Ela se vale dos estudos críticos do escritor para comprovar que a questão o preocupava, entretanto centra-se em sua "resposta literária" (p. 191), procedendo à interpretação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, na qual identifica dupla trajetória: a viagem de Machado de Assis pelos clássicos e a de Brás Cubas pelos escaninhos da memória. Conjugadas, essas viagens traduziriam a manifestação estética do escritor e sua avaliação a respeito do localismo na literatura brasileira.

Para sustentar seu ponto de vista, a autora assinala a mudança nos procedimentos narrativos, constatáveis em *O alienista* e *Memórias póstumas de Brás Cubas* quando essas obras são confrontadas com as precedentes, visualizando as alterações como indícios da opção de Machado de Assis diante dos rumos que a literatura brasileira assumia. A rejeição ao experimentalismo científico, ao referencial teórico e conceitual do positivismo, enfim, à concepção realista-naturalista da arte, Machado de Assis teria manifestado, em sua ficção, pelo recurso à paródia. A transposição irônica, e até mesmo sarcástica, do discurso científico e dos modelos estéticos em voga seria o ponto de partida para o investimento na intertextualidade e a prática do dialogismo, recursos explicitados no prólogo dirigido ao leitor de *Memórias póstumas* e que caracterizam o relato do defunto autor.

Regina Zilberman aponta as dificuldades que a crítica contemporânea ao lançamento de *Memórias póstumas* demonstra diante da forma inovadora do romance, cuja filiação a escritores

que fugiam à regra Machado expressa, indicando, assim, sua eleição por uma tendência subversiva em relação à da prática dominante. As obras de Sterne, Maistre, Garrett, mencionadas pelo escritor, além de outras a que narrativa remete, revelariam não só as confluências literárias, mediante as quais se instituiria o princípio de concepção, o dialogismo, mas também estabeleceriam seu elo de convergência, centrado no tema da viagem.

A ensaísta comprova, a seguir, a persistência desse tema na literatura ocidental e distingue duas formas de visualizá-lo, a que se dá em uma linha horizontal (de que os textos citados por Machado no prólogo são exemplo) e a que recebe uma configuração vertical, como a descida de Ulisses aos infernos. Segundo Zilberman, o modelo de viagem adotado por Machado em *Memórias póstumas de Brás Cubas* conjuga ambas as formas: por um lado, o protagonista desce ao mundo subterrâneo para uma viagem sem volta, enquanto, por outro, sua memória reconstrói o "caráter" e a "natureza" de sua terra, o Brasil, cujo nome traz inscrito em seu próprio. A par disso, a estilização jocosa das convenções do romance histórico, tão caras ao Romantismo, teriam permitido a Machado compor, sob a perspectiva do tema da viagem, uma epopéia nacional *sui generis*, em que Brás Cubas corporificaria um herói sem caráter, concentrando todos os atributos da "desejada cor local" (p. 194). A autora do ensaio conclui que a viagem aos clássicos, ou seja, "o conhecimento da literatura do passado" (p. 194), possibilitou ao escritor brasileiro o domínio de seus paradigmas, enquanto sua transgressão o levou a instalar nova concepção paradigmática.

Em *Conceição e Shahrazad: a sedução em dois contextos* (p. 195-210), Marisa Corrêa Silva introduz sua análise pela descrição que Nogueira, o narrador de *Missa do galo*, faz de Conceição ("no capítulo de que trato, dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências salvas. Deus me perdoe, se a julgo mal" - p. 195), afirmando ser preconceituosa a carga semântica que Machado atribui ao termo "harém". Apesar de reconhecer que a "descrição é correta e apropriada" (p. 196) para uma porcentagem significativa de leitores, contesta o uso do termo, atribuindo-o à falta de informação do romancista e de seus leitores sobre a cultura e a tradição oriental.

O objetivo de desfazer o equívoco sobre a imagem do Oriente Médio é formalizado pela contraposição entre Conceição e Shahrazad, investidas do poder de seduzir. Diferenças constitutivas e genéticas entre a coletânea das *Mil e uma noites* e o conto machadiano são assinaladas pela autora do ensaio, que confunde o tempo diegético desse último ("a ação se passa em 1861 ou 62, segundo o narrador" - p. 200) com o momento de sua produção, lidando com parâmetros temporais distintos para demarcar a diferença entre os dois textos. A seguir, atém-se às semelhanças entre as duas personagens e afirma que ambas assumem discurso e ação, vivem em sociedades que privilegiavam o homem, "tomando iniciativas que não seriam próprias de seus papéis sociais" (p. 202). A ensaísta reconhece que a construção das personagens se dá pela mediação do narrador, mas salienta que essa voz masculina "não consegue encobrir totalmente o estranhamento causado pela ruptura do tradicional silenciamento feminino" (p. 202). Cumpre ressaltar que a concepção da instância narrativa, marcada pela focalização zero ou pela impessoalidade do narrador nos contos da tradição oral e pela focalização interna e eminentemente subjetiva no conto de Machado, fixa distinções que precisam ser consideradas quando se empreende a tarefa de estabelecer o paralelismo entre esses dois papéis femininos, uma vez que eles são configurados mediante filtros distintos.

Embora desconheça esse aspecto, o ensaio traz conclusões válidas sobre o perfil das protagonistas e sobre o tema da sedução amorosa e do adultério, cuja significação diferenciada no Oriente e no Ocidente é esclarecida mediante o confronto dos textos. O procedimento contribui para a legibilidade do conto machadiano e de seu hipotexto, mas, ao tentar explicar o preconceito inerente ao uso conotativo da palavra harém, a ensaísta acaba por reforçar a adequação da escolha do escritor, que busca suas metáforas no substrato da língua, em sua dinâmica concreta e viva. Esse mergulho no uso coloquial da linguagem e a capacidade de lhe conferir estatuto estético é um dos méritos de Machado, que explora a potencialidade significativa das palavras invocando e provocando o horizonte cognitivo de seus leitores, o qual, em relação ao termo mencionado, ativa, ainda hoje, a conotação de prazer sexual.

Em ambos os artigos de *Veredas*, textos de Machado de Assis são vistos em sua articulação com a tradição literária, aspecto que referenda a imagem do escritor-leitor que transpõe para suas produções o exercício hermenêutico da leitura, exigindo essa mesma prática do receptor. Conseqüentemente, os artigos apresentam uma questão central para o conhecimento e interpretação da obra de Machado, evidenciada de modo peculiar por Regina Zilberman, quando adota a tese de que o escritor faz da ficção o espaço adequado para discutir temas pertinentes à natureza, concepção e finalidade da própria literatura, isto é, quando assinala o caráter metaficcional de sua produção.

Juracy Assmann Saraiva
UNISINOS